O Estado de S. Paulo
S. PAULO
30 JAN 1936

S. Paulo na formação do Brasil

Conferencia do ministro Rodrigo Octavio, pronunciada no Centro Paulista do Rio de Janeiro, em 25 de Janeiro de 1936

Recebra-se nesses primeiros dias a terceira decada de Janeiro o nascimento de S. Paulo para a civilisação occidental.

Em 1554, no dia 25 desse mez, o Padre Manuel de Paiva disse a primeira missa na casinhola que foi o ovulo da cidade que, numa larga visão das conveniencias do momento, o padre Manuel da Nobrega resolveu criar nos campos de Piratininga. Era o dia da conversão de S. Paulo e o novo povoado tomou o nome do Santo. Mas, antes mesmo daquelle anno, em 1532, já na terra paulista fermentava o germen dessa civilisação, e de tal modo mysterioso e surprehendente que seus elementos se apresentaram quasi sob o aspecto de espontanea manifestação de um anseio de vida, de um vigor de expansão, prenunciador da feracidade material e espiritual desta provincia do mundo, que se abria á exploração dos homens.

S. Paulo nasceu no mysterio. Antes que a indifferença de Portugal, em face da dadiva sem preço com que o destino o opulentára, houvesse sido despertada pela noticia das incursões francezas nos seus novos dominios de ultra-mar, e cogitasse da utilisação delles, já uma cellula civilisadora, diminuta e anonyma, alli se havia estabelecido.

Foi assim que quando a frota do valoroso Martim Affonso de Souza, a caminho já do Rio da Prata se banhára pela primeira vez nas aguas de Cananéa, encontrou alli alguns europeus, castelhanos e portuguezes, entre os quaes, residindo ha mais de 30 annos, um bacharel de Coimbra, cujo nome e historia a tradição não guardou. Era o anno de 1531.

Martim Affonso trouxera da Metropole a missão de firmar o dominio politico portuguez nas terras de suas possessões atlanticas e de ahi estabelecer as bases da organisação colonial. Já percorrera grande parte da costa, desde o Pará. Seguindo para o sul, chegára até o Arroyo Chui, de onde, por se haver avariado a náu em que viajava, mandára a Pero Lopes, seu irmão, percorrer e occupar a parte restante até o Rio da Prata. Não lhe haviam agradado, para fincar o primeiro marco da civilisação nesta parte do continente, a fimbria das campinas do sul, infindaveis, sem paisagem. Fizera-se de vela para o norte. Cananéa, onde já se havia deixado ficar por 45 dias, não lhe agradára por suas condições naturaes. Nesses 45 dias não vira o sol, uma vez que fosse. Veiu mais para o norte e a 20 de Janeiro de 1532 enfrentou as ilhas que formam o porto já chamado de S. Vicente, e em cujo territorio tambem encontrou vivendo e trabalhando gente branca, portuguezas e castelhanos, e de tal modo installados na terra, que foi com um vergantim para elles fabricado em seus estaleiros, que pouco depois fez renovar explorações no Rio da Prata.

E é certo que a occupação européa dessa zona era antiga: vejo na "Paulistica", de Paulo Prado, que já em 1502 appareceu ella indicada na carta geographica de Canario, com o nome de San Vincenzo e na de Rysch e Waldseemuller, com o de San Vincenti. A preexistencia dos povoadores é, pois, certa; a arribada, porém, dessa gente encontrada por Martim Affonso nas terras meridionaes da America, ficou no dominio das conjecturas. Quanto aos de S. Vicente, de que resa a tradição, entre ella existia quem alli se encontrasse havia mais de duas decadas. De um desses precursores ficou larga memoria. Viveu cem annos, fundou cidades, contribuiu volumosamente para sua população. Sobre elle ha toda uma literatura.

Foi João Ramalho, o Patriarcha, como judiciosamente o qualifica Paulo Prado, gerador dos primeiros paulistas de sangue europeu enxertado no ventre guyaná das princezas, filhas de Tibiriçá e de Caluby, bem merece que se o reconheça como o avô do S. Paulo de hoje.

Martim Affonso chegou ás aguas de S. Vicente em 20 de Janeiro a bordo da náu N. S. das Candéas; o galeão que o acompanhava, e que, por interessante coincidencia, se appellidava S. Vicente, só no dia seguinte delle se aproximou; a 22 desceu á terra o Capitão Mór, 1.º governador das terras do Brasil, e fundou na praia de Itararé a villa a que estendeu o nome que ao porto já havia sido dado pelos anteriores occupantes anonymos: S. Vicente.

Um conjunto de condições favoraveis levou Martim Affonso á eleição de S. Vicente para assento do primeiro nucleo de organisação colonial brasileira: — o abrigo que encontrára para suas náus, a suavidade do clima, a abundancia de aguas puríssimas, a opulencia de vegetação denunciando a uberdade do solo, a belleza das perspectivas.

E a villa, nesse local fundada, foi inicio da organização politica e economica de uma nova patria, que se tornou grande.

Registe-se que toda a historia da viagem de Martim Affonso de Souza, sua chegada a S. Vicente e a fundação da villa, são bem e precisamente conhecidas pela circumstancia feliz de haver Pero Lopes de Souza, irmão do capitão mór, que o acompanhou na viagem, tido o cuidado de escrever o "Diario de Navegação", em que tudo foi minuciosamente narrado e em termos de merecer fé. Aliás, como bem observa Varnhagen, compondo essa obra, Pero Lopes não se propunha a ser chronista, o que lhe teria dado muito maior attractivo e interesse, contentando-se em ter sido o árido e estricto annotador da rota.

Nem por isso deixou de ser precioso esse manuscripto que esteve por tres seculos desconhecido. Varnhagen o descobriu em archivos de Lisbôa e o publicou em 1839. Seu conhecimento veiu proporcionar a correcção de muitas narrativas por diversos chronistas colhidas na tradição, notadamente por frei Gaspar de Madre de Deus, em suas, aliás, muito apreciaveis "Memorias da Capitania de S. Vicente", publicadas em Lisbôa, no anno de 1797.

Foi esse o primeiro povoado organisado na terra paulistana e mesmo na terra brasileira. Pouco depois, Braz Cubas, reinol de engenho e bôa vontade, criou, proximo delle, a povoação de Todos os Santos que, por mais conveniente disposição topographica, cresceu, tomou vulto e supplantou a antiga villa e com ella afinal se confundiu. Ahi se fizeram plantações de canna, mandada trazer da ilha da Madeira, ahi se levantaram os primeiros engenhos e o assucar que ahi se fabricou, então e por muito tempo, passou a ser a moeda corrente da terra.

De tal sorte, o sitio onde se ostenta o grandioso porto de Santos, entrada monumental da terra paulistana, que a iniciativa nacional, a tenacidade nacional, a capacidade technica nacional e o capital nacional conseguiram realisar como o mais eloquente documento de sua efficacia, póde ser assignalado como o mais remoto scenario da civilisação européa na terra brasileira, no dizer de Eugenio de Castro. A arribada de Cabral, com a celebração da 1.a missa, não foi mais de que um rapido contacto, sem continuidade immediata; a installação de algumas pequenas feitorias, aqui e alli, ao longo da costa, tiveram vida ephemera e logo desappareceram. São Vicente ficou, cresceu e por ella entrou a civilisação que fez o Brasil.

E depois de São Vicente, veiu Santo André, já serra acima, e mais adiante ainda, veiu São Paulo de Piratininga, no interesse de cujo desenvolvimento se errasou Santo André, incorporando-se-lhe, com seu fundador e chefe, o velho João Ramalho, toda a população em sua grande parte constituida pela descendencia do patriarcha.

E nesta altaura, e no dominio espiritual que nos occupa não é possivel deixar de lembrar a acção benefica dos Jesuitas, que de modo impressionante contribuiram para o avanço da civilisação nessas paragens remotas e selvagens.

O Brasil é, desde logo, São Paulo, foram theatro das actividades da Companhia de Jesus e das primeiras de suas grandes experiencias. Antes que houvessem decorrido vinte annos de sua constituição, já no Brasil se estabeleciam ignacianos vindos para nelle realisar uma das magnificas epopéas da historia da civilisação universal.

Já em 1549 chegavam a São Vicente o padre Leonardo Nunes e o irmão leigo Diogo Jácome. Horrorisados com o aspecto social da vida nos povoados do litoral e em Santo André, serra acima, no limiar do sertão, onde ao lado da ostensiva e deshumana escravisação dos indigenas, se vivia com desrespeito dos mais elementares principios da moral, o joven jesuita entrou desde logo em luta na defesa dos principios christãos e pediu a ajuda de seu chefe, que não era menos que Manuel da Nobrega, singular figura de apostilo, de quem Southey, o mais autorisados dos historiadores estrangeiros do Brasil, e insuspeito por não ser catholico, declarou não encontrar outra personalidade, cujos talentos, de um modo tão continuado tenham prestado mais assignalados serviços ao Brasil.

Nobrega chegou em 1549 e veiu com Thomé de Souza, o primeiro governador geral nomeado para o Brasil e que eriara sua capital em São Salvador. Em 1553 chegava em São Vicente e inteirado da situação lamentavel que alli encontrára, numa visão genial do que cumpria fazer, procurou encaminhar para serra acima a acção de seus homens, penetrar no sertão e ir ao encontro do indio antes que elle tivesse contacto com a malignidade dos europeus.

Para isso elle pediu para Bahia que lhe mandassem moradores que quizessem romper a terra e lhe querer bem. Nobrega teve a intuição das bandeiras desbravando as florestas, ampliando o dominio territorial. E no elegante dizer de Antonio Alcantara Machado, tão cêdo roubado aos que lhe queriam bem e tanto delle esperavam, Nobrega "quebrou o isolamento entre a costa e o sertão. Foi buscar o indio terra a dentro. Não á maneira do povoador portuguez para escravisal-o ou dizimal-o. Mas para lhe captar a confiança, transformando os mais ariscos em alliados uteis, numa missão de cathechese e de politica em que a maior interessada éra de facto a corôa e não a companhia. Porque cada legua andada era uma legua incorporada á posse portugueza. Assim com a linha divisoria de 1494 se deslocou para os lados do Pacifico, bem podia ser que, empurrada pelos castelhanos, fosse caminhando cada vez mais na direcção do Atlantico. O indio amigo seria uma sentinella para a defesa e um grande auxiliar para o ataque".

Galgada a serra, Nobrega penetrou no coração da selva e lá plantou em Maniçoba, a primeira casa christan.

Mas retrocedeu e nos campos de Piratininga, numa lombada de campo que fertilisavam as aguas do Anhangabahú, do Tamanduatehy e pouco mais longe, os do Anhemby, elevou a Villa de São Paulo, em cuja casa originaria o padre Manuel de Paiva disse a primeira missa aos 25 de Janeiro de 1554.

Completam-se, pois, no dia em que estamos 372 annos desse acontecimento. Anchieta que, poucos annos mais tarde, veiu para São Paulo e encheu com a graça de sua pessoa e a belleza de seu espirito a vida da Capitania, descreveu esse primeiro pouso da esperança e da fé, nestas singelas palavras: Pobre cazinha feita de barro e paus, coberta de palhas, tendo quatorze passos de comprimento e apenas dez de largura, onde estão ao mesmo tempo a escola, a infermaria, o dormitorio, o refeitorio, a cozinha, a dispensa".

Essa foi a semente que germinou e se abriu na esplendida floração de nossos dias.

Mais tarde, feita a divisão feudal da Colonia, São Vicente, a Villa de Martim Affonso, deu nome á Capitania, enorme, de raias indeterminadas na definição theorica da linha de Tordesilhas, e cujos latifundios a ousadia intimorata das bandeiras paulistas perlustrou, explorou e ampliou.

*

Desde o principio a expansão do novo nucleo de população se processou na collaboração indigena. Era a solução natural e humana do problema da formação do novo povo, da constituição da futura nacionalidade. A cubiça, na ausencia, desde logo, das sonhadas riquezas naturaes que na terra opulenta se pensou encontrar, mas que só mais tarde se descobriram, levou á escravisação do indio e plantou no coração das ingenuas raças, donas da terra, o germen de odio que, em troco de tanta perversa actividade, tantas paginas de sangue, escreveu e continua escrevendo na historia do Continente.

Mas, São Paulo, em que se transformou São Vicente, depois dos desmembramentos que a enorme Capitania soffreu ao sul, e no interior, formou-se e cresceu com a collaboração indigena. Foi desde logo muito mais brasileira essa zona do sul, que a do extremo septemtrião em que mais tarde a colonia prosperou. Ahi o indio foi e continuou sendo alvo da cubiça interesseira e deshumana, e elle, perseguido e irritado, não foi senão o inimigo. Tudo o que no norte se fazia trazia accentuado cunho portuguez. Eram lusitanos os nomes das familias que ahi se criaram; como o eram os que se davam aos sitios que se occupavam e povoados que se fundavam. Desse modo surgiram os nomes de Belem, Santarem, Aveiro, Faro, Alcantara, Olivença, Breves, Bragança, Porto de Móz, Guimarães, Borba e tantos outros que já eram de cidades e povoados portuguezes.

Ao contrario, São Paulo, mais distante da Metropole e, naturalmente menos affectado pelas consequencias da proximidade, se desenvolveu em maior liberdade e pôde viver, desde logo, dentro de um certo espirito nacional. Assim, para denominações de seus povoados se procuraram nomes indigenas. Foi essa por certo a primeira semente, abençoada semente, que germinou no coração paulista, nelle criou raizes, frutificou e se expandiu por toda a vastidão de nossa terra.

Começou a serviço desse espirito, num impulso innato e irreprimivel, a empresa da expansão territorial. Por certo o paulista aventureiro e impávido nada sabia da linha de Tordesilhas e dos direitos de Hespanha nas terras do continente. Não buscava tambem, atirando-se pelos sertões a dentro, senão o seu interesse na escravisação do indigena e na pesquisa das riquezas mineraes, sem a menor preoccupação do engrandecimento territorial do paiz. Sabia, apenas, que aquellas terras em que vivia eram delle e que na continuidade dellas, havia outras e outras. Por que essas outras terras tambem não seriam delle, se todas formavam um só corpo?

E do paulista nasceu o bandeirante.

Já Martim Affonso de Souza, a primeira, na ordem do tempo, das grandes figuras criadoras do Brasil, na primeira hora de seu contacto com a terra vicentina, criára a bandeira. De tal geito, fazendo-se bandeirante, emprehendendo, sem intenção preconcebida, a obra inestimavel da ampliação do territorio patrio, o paulista não mais fez do que retomar a iniciativa do capitão-mór, fundador de São Vicente, e dar execução ao providencial pensamento de Manuel da Nobrega de sahir do litoral para o sertão.

De facto, na espectativa da facil descoberta de ouro e prata, Martim Affonso, após algum tempo de sua primeira estada em Cananéa, antes de partir para o sul, no intuito de occupar o Rio da Prata, e, assim, antes de se haver balouçado sobre as aguas de São Vicente, armou a primeira bandeira que penetrou no sertão bravio. Foi confiada ao mando de Pero Lobo Pinheiro, um dos capitães da frota, e levou como "lingua", Francisco de Chaves, um dos antigos moradores mysteriosos da terra, companheiro do bacharel anonymo, que se compromettera a guial-a pelas invias veredas do mato e volver com ella, pesada de ouro, ao cabo de 10 mezes. Na manhan de 1 de Setembro de 1531 a bandeira partiu para não mais voltar nem deixar traço de sua ignorada tragedia.

O pleno conhecimento desse insuccesso não desarmou, entretanto, o animo paulista. E as bandeiras partiam, umas após outras, e a marca de seus passos foi em linhas successivas, em todos os sentidos, dilatando as fronteiras da patria.

E na historia do Brasil se escreveu, em paginas emocionantes de belleza e de audacia, uma das mais admiraveis epopéas da historia universal. Tudo quanto os bandeirantes fizeram no deserto dos sertões, á sombra das florestas, no silencio dos descampados sem fim, vae sendo aos poucos trazido á luz meridiana pela pesquisa paciente de nossos historiadores e aproveitado pelo engenho e arte de nossos romancistas, em beneficio do brilho de nossas letras.

E o velo é inesgotavel. Ha rios, em nossa terra, sobre cujas margens, em seu longo e silencioso curso, se desenvolveram as scenas mais dramaticas, os successos mais emocionantes e cujos nomes suggestivos — Tietê, Rio das Velhas, Rio das Mortes — poderiam enfeixar capitulos admiraveis de um livro soberbo, para os quaes nem faltava desde logo, a belleza de titulo.

E não só ahi, como em todos os recantos.

Ainda, ha poucos dias, nas paginas de um livro de que pouco se fala — "Quadros da Historia Colonial do Brasil — do Conselheiro Pereira da Silva, encontrei um topico, no capitulo sobre a "Guerra dos Emboabas", que reza assim: — "Duas poderosas familias, dos Pinheiros e Barbalhos, combatiam-se em S. Paulo por queixas e ciumes reciprocos, e commettiam alvoroços e atropelos maleficos. Um jesuita conseguiu insinuar-lhes no espirito a idéa de procurar minas de ouro, seguindo rumos differentes, e pacificando-se por este feitio a cidade, cuja tranquillidade perturbavam. Posto que uns para o oeste e outros para o sul se dirigissem, encontraram-se ás margens inferiores do rio Tieté, e mutuamente se trucidaram, poucos restando do desbarato soffrido".

Está ahi, na simplicidade destas linhas, o escorço de um lindo livro. Entrego-o ao talento de nosso querido Paulo Setubal.

*

A historia das bandeiras regista o periodo mais glorioso da formação do Brasil. Respeitadas as raias que o poder da egreja se arrogou o direito de traçar e que as duas corôas interessadas acceitaram e consubstanciaram em 1494, no Tratado de Tordesilhas sobraria para Portugal de todo o continente, apenas o nariz de seu perfil, o angulo que penetra no Atlantico. O Brasil ficaria reduzido, na expressiva definição de Arthur Orlando, a um peiz de fachada. A ousadia do paulista, no emprehendimento das bandeiras, deu corpo, e um corpo formidavel, a essa fachada: o paulista fez o Brasil. E o caso cresce de importancia se se pensar que, do mesmo modo que o paulista entrou pelo sertão e alargou na direcção dos Andes o territorio portuguez, bem poderia ter tido o mesmo pensamento o hespanhol que occupava o sul de lado Atlantico e todo o lado do Pacifico, como observa o saudoso Antonio Alcantara Machado, já aqui citado Valoroso e audaz como o luso, o castelhano poderia ter emprehendido incursões pelo "hinterland" americano na direcção do Atlantico e reduzido assim o dominio territorial que um dia devia caber á nossa terra. A hypothese se apresentou no sul do continente. A expansão dos hespanhóes nas margens dos rios que formam o Rio da Prata, determinou o adelgaçamento do territorio brasileiro no extremo sul.

Felizmente, porém, a iniciativa hespanhola não competiu, em outros pontos do continente, com a acção bandeirante dos paulistas.

Entretanto, apesar de tudo e do exito da empresa, o paulista poderia ter trabalhado em vão, e se sacrificado em pura perda: em bom direito, essa ampliação do territorio da colonia não poderia prevalecer contra Hespanha; era obra levada a cabo, no isolamento inhospito do sertão em contrario á letra dos tratados. Nem valeria a boa fé do ousado artifice.

Mas a boa fada que presidiu ao nascimento e ao crescimento do Brasil mantinha-se vigilante e attenta. A possibilidade do golpe foi evitada em tempo. A habilidade perspicaz e previdente de um diplomata, filho de São Paulo, colubriu e legalisou a obra do bandeirante. De São Paulo viéra a salvação. E ahi nos apparece outro grande nome a exaltar nesta hora: Alexandre de Gusmão.

Era filho de Santos. Nasceu em 1695 e em Lisboa falleceu aos 58 annos de edade, em 1753. E' esse um filho que enche de orgulho a terra em que veiu á luz.

Nascido de uma familia catholica, numa época de fervor religioso, seus cinco irmãos varões e duas de suas seis irmãs, todos paulistas, professaram em diversas ordens. Entre os seus irmãos sobresáe Bartholomeu de Gusmão, cujo nome, como o delle, se impoz á posteridade. Alexandre não tinha pendor para a vida monastica; seus dons superiores de espirito e sua aspiração a uma cultura maior do que aquella que se podia alcançar na villa natal, levaram-n'o, como a Bartholomeu, em cujo espirito dominavam as mesmas aspirações, a completar seus estudos fóra de Santos. Alexandre foi para a Bahia, estudar no Collegio dos Jesuitas, e delle tomou conta um padre famoso que se chamava Alexandre de Gusmão. E' natural que Bartholomeu tambem houvesse estado na Bahia e tido o mesmo mestre, porque elle, como o irmão, devendo ter o appellido de Lourenço, como filhos que eram do cirurgião-mór Francisco Lourenço, tomaram para si, em homenagem ao mestre, o nome de Gusmão.

Da Bahia, completados seus estudos secundarios, seguiu Alexandre para Lisboa, onde Bartholomeu, que o precedera, já havia, por seus talentos, grangeado prestigio, no reino, o tomou a vida publica, começada desde antes dos 20 annos.

Foi notavel como homem de Estado, considerado como o primeiro diplomata do seu tempo. Foi notavel como homem de letras, considerado por Camillo Castello Branco, que em suas paginas de critica antes primou pela violencia aggressiva do que pela suavidade louvaminheira, como superior, sob certo ponto de vista, a Antonio Vieira e Francisco Manuel de Mello, dois dos mais fulgidos espiritos de sua terra e dos mais notaveis escriptores que tem tido a lingua portugueza.

Já tenho tido a fortuna, em mais de uma opportunidade, de me occupar da figura empolgante desse paulista egregio. Nunca é demais, porém, que sejam lembrados seu nome e sua acção, benefica na defesa dos mais vitaes interesses do Brasil e da America.

Longa não foi sua vida; larga, porém, foi sua folha de serviços a patria a que se devotou, como diplomata e como administrador. Sua obra maxima foi sem duvida o tratado de 1750, chamado de Madrid; obra sua como inspiração e como forma e tão sua que, atacada, elle se julgou no dever de defendel-a de injustificadas censuras.

Nesse notavel diploma internacional se procurou encontrar a solução directa, conveniente e apaziguadora para as diversas e incandescentes divergencias surgidas, no correr dos tempos, entre as corôas de Portugal e Hespanha, em relação aos seus dominios coloniaes da America; nelle os artigos do pacto foram precedidos de uma exposição preliminar em que se accentua a annullação dos accôrdos anteriores de limites notadamente do Tratado de Tordesilhas.

E essa notavel exposição preliminar, em que são expostos, com sincera clareza, os pontos de vista de cada Estado e as razões com que cada um os defendia, conclue tornando patente que o tratado a que servia de introducção, pondo de lado as linhas imaginarias a se fixar, e, notadamente, o meridiano de Tordesilhas, na parte relativa á fixação dos dominios e respectiva confinação, visava dois objectivos: 1.o, que se assignalassem os limites dos dois Estados, tomando por balisas as paragens mais conhecidas, para que em nenhum tempo se confundissem, nem dessem occasião a disputas, como são a origem e curso dos rios e os montes mais notaveis; 2.o, que cada parte contratante ficasse com o territorio que no momento possuisse".

Estava, assim, proclamado, com notavel desprendimento reciproco, que tudo estava por fazer na discriminação das fronteiras e que nella se adoptaria a pratica de buscar limites nos accidentes da natureza, permanentes, indestructiveis e facilmente reconheciveis, cabendo a cada Estado a parte que cada qual houvesse occupado. Do estabelecimento desses principios, decorreu a applicação para as soluções de disputas territoriaes entre Estados, da instituição do "Uti possidetis" que, no Direito Romano, no dominio do direito privado, correspondia a uma situação de facto cuja defesa justificava a concessão de um interdicto possessorio. Essa notavel innovação do Direito Publico, depois da revogação desse Tratado, em 1761, veiu a ser reproduzida no de Santo Ildefonso, em 1777, e tem tido sua applicação pratica, na base da situação em 1810, para a discriminação das fronteiras entre os Estados em que se fragmentou o dominio colonial na America.

Conseguindo introduzir essas bases para fixação reciproca dos limites dos dominios portuguezes e hespanhoes nesta parte do Mundo, alcançava Gusmão o reconhecimento, por parte da Corôa hespanhola, da obra dos bandeirantes que, nas suas ousadas e aventurosas entradas pelo interior do Continente, haviam alargado em todas as direcções a occupação portugueza em territorios que, segundo mesmo a mais liberal interpretação que se desse á linha de Tordesilhas, não podiam deixar de ser reconhecidas como do dominio hespanhol.

Assim agindo, Alexandre de Gusmão, lembrando-se que era paulista desejou participar do esforço dos seus patricios, em beneficio da grandeza da patria commum, e, sabedor das heroicas façanhas dos bandeirantes, quiz, mesmo de longe, e num diverso campo de acção, mostrar-se bandeirante tambem.

Taes circumstancias bastam para lhe consagrar a benemerencia; incumbe ao Brasil não deixar no olvido a memoria do seu grande filho. Elle era de São Paulo, padrão de orgulho desse torrão privilegiado da patria, e São Paulo deve contribuir para a gloria de seu filho. As cinzas de Alexandre de Gusmão jazem ainda fóra do Brasil, longe de São Paulo. Morto em Lisboa, no ultimo dia do anno de 1753, foi dado á sepultura na egreja do convento dos Carmelitas Descalços.

Seria obra meritoria promover a trasladação de suas cinzas para o solo patrio onde um monumento lhe é devido. E' uma suggestão que aqui deixo á iniciativa do sentimento paternal de São Paulo.

*

E, com a acção de outros filhos estremecidos, foi São Paulo contribuindo para o desenvolvimento glorioso da vida nacional e collaborando significativamente para a formação do Brasil.

Depois de Gusmão, o consolidador do dominio do Brasil em todo o vasto territorio desvendado e ampliado pelo genio aventureiro do bandeirante, apparece José Bonifacio. E só lembrar esse nome é levantar uma cortina sobre um periodo decisivo da vida nacional.

A transferencia para a terra americana da Côrte portugueza, com todo o volumoso e conspicuo pessoal de suas dependencias e instituições, elevando de chofre a população e a categoria da pequena cidade colonial, deu ao progresso da Colonia, retardado pela orientação retrograda e deficiente da Metropole, um impulso repentino e formidavel.

Rio de Janeiro, na pacatez de sua vida apagada e ronceira, se viu de um momento para outro, inesperadamente, guindada ás alturas de capital de um Imperio, residencia de pessoas reaes, de impertigados figurões de velho sangue e de uma legião de funccionarios de todas as classes e séde de um espectaculoso e complicado systema governamental; com tão formidavel contingente modificou-se, desde logo, o aspecto da pequena cidade. E pouco a pouco, com o desenvolvimento natural das instituições e a consequente accentuação do progresso foi se insinuando no espirito publico o sentimento da consciencia nacional.

E quando, uma dezena de annos decorrida, o governo que se havia installado na Metropole, se compenetrou da eclosão do espirito brasileiro e, medindo a extensão e intensidade do movimento patriotico, procurou conjurar o perigo imminente, era tarde. A reacção contra as aspirações dos filhos da America tiveram o resultado de excital-as ainda mais e precipitar os acontecimentos, de modo que ao deixar a familia real o Brasil, em 1821, o sentimento de emancipação do velho Portugal dominava todos os espiritos, e era, de norte a sul, a preoccupação predominante dos brasileiros.

Com a retirada do rei e governo para Lisboa, partiram tambem os ministros e homens de Estado que haviam auxiliado d. João na direcção dos negocios publicos. O Brasil, com o principe, como logar tenente do rei, e sem qualificação politica, ficára entregue a seus proprios recursos. Portugal quiz deixal-o na penuria, na ingenua persuasão de que, com a simples prata de casa, não encontraria elle os elementos de que precisasse para levar a cabo a realisação completa de seus desejos. Mas era uma illusão que promptamente se desfez.

Appareceu em scena José Bonifacio, tambem filho de Santos, como Alexandre de Gusmão; appareceu e logo se impoz á consideração de seus patricios. Já no ultimo quartel da vida, havendo passado largos annos na Europa, onde, como professor e especialista em sciencias naturaes, se soubera cerçar de um renome internacional de sabio, o illustre paulista trouxe para o governo do Brasil a contribuição preciosa de uma larga experiencia e de um fundo sentimento patriotico apurado na saudade e na ausencia. E trouxe mais, veiu com elle a collaboração intelligente e cultivada de seus irmãos Martim Francisco e Antonio Carlos, constituindo uma trindade notavel que entrou na historia patria como uma formula unica: os Andradas.

A ebulição emancipadora se apresentava latente por toda a parte. José Bonifacio procurou coordenar os elementos esparsos desse movimento, mais do que isso, procurou affeiçoal-o á natureza que mais conveniente fosse aos interesses do paiz.

E assim foi que, sem deixar de dar todos os passos para a consecução da independencia que viria fatal e indeclinavelmente, desviou a orientação que, com o abandono do principio monarchico, assegurador da unidade territorial, levaria, sem duvida, á desordem e ao desmembramento.

Nesse sentido são de rememorar como incisivos passos dados para a frente, notaveis obras politicas do grande paulista, e os 3 notaveis documentos que trazem a data dos primeiros dias de Agosto de 1822, e que foram termos decisivos no processo da Independencia que recebeu, no grito do Ipiranga, sua proclamação ostensiva e dramatica.

Esses actos foram, com data de 1.o de Agosto, o decreto declarando inimigas as tropes portuguezas mandadas ao Brasil e contra ellas autorisando a guerra e toda sorte de ataques, e o manifesto em que fundamentando-se perante a Nação a razão de ser de tão graves determinações, se concitavam todos os brasileiros a se unirem indissoluvelmente para victoria da causa e maior grandeza da patria. O terceiro documento foi o manifesto de 6 do mesmo mez, endereçado aos governos das nações amigas; nelle o Brasil, explicando os motivos fundamentaes da attitude que fóra timperiosamente levado a assumir em face da realisação do programma portuguez de rebaixar-lhe a categoria, — Reino em 1815 e durante 12 annos séde do Imperio lusitano —, á de méras e desqualificadas provincias coloniaes, pedia ás nações amigas que lhe enviassem delegações e representações diplomaticas.

Não é preciso assignalar a importancia desse manifesto.

Dirigindo-se aos estados soberanos, solicitando delles a continuação das relações diplomaticas e commerciaes, expondo com a maxima franqueza, por vezes rude, as razões pelas quaes se viu na necessidade de se rebellar contra a acção das côrtes e do governo de Portugal, o governo do Brasil proclamou, de facto, com esse manifesto, a sua personalidade internacional.

Esse documento, pois, faz corpo, com os outros dois que trazem a data de 1 de Agosto; todos elles se integram e traduzem a intenção evidente da declaração solenne e decisiva do auto reconhecimento da Independencia e da entrada do novo Estado no concerto internacional como livre e soberano.

O effeito produzido por esse manifesto foi consideravel. Em Portugal, um homem de prestigio no momento, deputado ás côrtes e que trazia o longo nome de Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, commentou-o num pamphleto que teve as honras da publicação official e em que José Bonifacio foi tratado de "ministro infame" e o manifesto de "acto de descaramento".

Referindo-se a elle em correspondencia para seu governo, o barão Menzel de Mareschal, representante diplomatico da Côrte de Vienna junto do principe, logar tenente do rei, accentuou o enthusiasmo americano de José Bonifacio. Para esse diplomata arguto, reconhecendo o estado de revolução em que o Brasil se encontrava, José Bonifacio não era nem um democrata, nem um liberal na commum applicação do termo; vendo claramente a situação, todo o seu esforço foi para desviar os intuitos da revolução para um fim que lhe parecia mais conveniente aos interesses do Brasil; e, por seus actos, e por seu prestigio, imprimindo certa orientação aos acontecimentos, numa attitude de quem se deixava levar por elles, José Bonifacio modificou a corrente revolucionaria no sentido da declaração solenne e official de uma independencia que, aliás, já existia de facto desde o reconhecimento do Brasil como reino unido a Portugal.

Reconhecida officialmente a categoria de Reino para o Brasil, desde 1815, o movimento revolucionario, estimulado pela attitude das côrtes portuguezas, que estavam longe e imperfeitamente informadas do que nelle se passava e da vitalidade das energias brasileiras, conduziria naturalmente á proclamação da Republica, como havia acontecido com as antigas colonias que circumdavam o Brasil e se foram libertando do jugo hespanhol.

José Bonifacio viu o perigo que esse caminho representava. Naquelle momento da vida nacional, dividido como se achava o Brasil quanto á subordinação governamental, a adopção prematura do regime republicano seria o desmembramento do grande Imperio.

Só com o principe, e, a principio, ainda sob a ficção de que se respeitavam, idealmente, os direitos soberanos do rei, prisioneiro e sequestrado pelas côrtes "facciosas e arbitrarias", se poderia manter a integridade do territorio nacional.

E José Bonifacio, dando expansão ao seu accentuado sentimento americano, conseguiu habilmente mudar a feição dos acontecimentos e transformar os revolucionarios que visavam a Republica, em americanistas que visavam a libertação do jugo portuguez.

Foi a essa luz que o diplomata viennense viu o ministro do principe que preparou o advento do Imperio. E por isso, a só censura que o barão de Mareschal articulou contra o manifesto de 6 de agosto, foi o excesso de linguagem no enumerar as razões de queixa do Brasil contra os reis de Portugal, ascendentes do principe que devia appôr seu nome em baixo desse documento.

E fundada foi a previsão experimentada do paulista, como previdente foi a orientação que elle imprimiu á campanha. Encoado o primeiro mez da divulgação destes actos fundamentaes, o principe d. Pedro proclamava, elle mesmo, a Independencia do Brasil.

O acto da proclamação, na grandeza de sua simplicidade e no imprevisto de sua realisação, se passou em territorio paulista.

São Paulo, successor da antiga Capitania Vicentina, de onde partiram as bandeiras para a conquista do sertão e ampliação de seu territorio, São Paulo, sob cujo ceu vieram á luz Alexandre de Gusmão e José Bonifacio, São Paulo bem merecia que o destino lhe houvesse reservado essa honra.

E a obra de José Bonifacio foi benefica.

Preservada a unidade nacional, que o Imperio teve a fortuna de manter e consolidar, o Brasil desenvolveu-se, prosperou e se tem visto cercar da consideração internacional.

Decorridos tres quartos de seculo de intenso esforço, completada a obra da organisação funccional do Estado e da formação do espirito liberal da Nação, a monarchia tornou-se anomala no sólo republicano da America. O Brasil colheu o regime republicano como um fruto amadurecido; e segue na obra do aperfeiçoamento das instituições e do apuro da organisação social para inteira realisação das finalidades do Estado.

Foi de São Paulo que veiu a nota da nova orientação. As tentativas de organisação do partido republicano na capital do Imperio, em 1871, não tiveram continuidade. Foi em São Paulo que a organisação se systematisou e irradiou para o resto do paiz. De São Paulo vieram os primeiros republicanos para o Parlamento imperial. E na vida republicana, se um homem deve ser apontado ao futuro como representativo do regime, pela austeridade dos costumes, pela modestia da vida, pela circumspecção de sua actividade, pela exclusiva e absorvente preoccupação do bem publico e do interesse nacional, esse homem é Prudente de Moraes, filho de São Paulo.

*

E basta, senhores! Nestes momentos em que me tendes dado a honra de ouvir, e que não sei se foram rapidos para vós, assignalei alguns marcos fundamentaes da historia da civilisação brasileira, marcos de madeira de lei, nascidos e formados na uberdade do sólo paulista.

No sentido das considerações que venho fazendo, havia, por certo, muito que dizer ainda. Dentro da communhão brasileira, na irmandade em que se constituiu nossa terra, o quinhão de São Paulo nasceu predestinado. Bôa fada poz-lhe uma estrella na testa e com ella coube-lhe a fortuna e a gloria de ter podido contribuir para o progresso, para o renome e para a felicidade da Patria.

E' com satisfacção fraternal que, sem orgulho nem validade, se relembram todas estas coisas, no dia em que se commemora o anniversario, quasi quatricentenario, do primeiro estabelecimento de sua cidade capital.

Que assim continue pelos tempos além, São Paulo verá nisso a bençam de sua vida, o premio de seu esforço.

Rodrigo Octavio